



“AULA É AULA, LAZER É LAZER”: Repensando o cotidiano escolar

Karine do Rocio Vieira dos Santos¹
Simone Rechia²

Apoio/Auxílio Financeiro: Cordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

INTRODUÇÃO

Durante minha pesquisa de mestrado³ orientada pela professora Simone, co-autora deste resumo, a certeza inexorável de que “aula é aula e lazer é lazer” fez parte da construção teórica do estudo naquele momento. Dessa forma, o ponto central de discussão foi a perspectiva de educação para o lazer durante aulas de educação física, excluindo o olhar da educação pelo lazer, admitindo que durante a aula de educação física ocorriam momentos lúdicos, porém a vivência do lazer não seria possível, pois a aula se configuraria em modo de trabalho do estudante na escola.

Passado o mestrado, já na vivência docente enquanto professora da disciplina de educação física em escolas públicas do estado do Paraná, em turmas de nono ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio o questionamento dessa certeza se fez presente. Me parecia que muitos alunos tinham na escola um local muito mais de lazer do que de trabalho, somada a isso a opinião de outros professores seguia muito a afirmação: “esses alunos só vem para a escola para brincar!”, em geral em tom

¹ Mestre em Educação Física, Universidade Federal do Paraná

² Pós-doutora em Educação Física, Universidade Federal do Paraná.

³ SANTOS, Karine do Rocio Vieira. A educação para o lazer em aulas de educação física no estado do Paraná: um panorama do cotidiano, barreiras e facilitadores. Dissertação (Mestrado em educação física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Paraná. Orientadora: Simone Rechia. 2014. Disponível em: <http://www.pgdef.ufpr.br/downloads/DISSERTACAO/2014/Dissertacao%20KARINE%20DO%20ROCIO%20VIEIRA%20DOS%20SANTOS.pdf>. Acesso em 17 de junho de 2021.



depreciativo dessa constatação.

Passei a perceber que muitos interesses culturais descritos por Dumazedier (1975) e outros autores depois dele eram facilmente identificáveis no tempo e espaço escolar formal. Os interesses sociais nas rodas de conversas entre amigos e colegas, na troca de mensagens via celular e nos namoros. Os físicos-esportivos nas práticas corporais das aulas de educação física e no intervalo do recreio. Os turísticos (CAMARGO, 1986.) na ansiedade pelos passeios com a escola. Os artísticos na possibilidade de leituras livres dos livros da biblioteca e nos desenhos realizados nos interstícios possíveis, bem como uma infinidade de práticas visualizadas no decorrer daquele período.

Esses e outros indícios da realidade desdobraram-se nessa reflexão teórica que busca olhar para essas vivências pela lente teórica do autor Michel de Certeau e que compõe parte de uma tese de doutorado em andamento que tem como tema principal as vivências de lazer possíveis na escola.⁴

MATERIAIS E MÉTODO

Para desenvolver a reflexão teórica relacionamos experiências anteriores, docentes e discentes, à teoria desenvolvida pelo autor Michel de Certeau, sobretudo em seu livro “A invenção do cotidiano” (2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao olhar para a cultura, Certeau reconhecia a potência criativa das pessoas comuns em seus cotidianos nas diversas necessidades diárias que se apresentam a nós, seres humanos. Para esse autor as coerções sociais que regulam e impõe normas a vida de todas as pessoas advém dos poderes legitimados, conceituados por ele como Estratégias, descritas como o

⁴ SANTOS, Karine do Rocio Vieira. O lazer possível da escola: entre o formal e o clandestino. Tese em andamento (Doutorado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. 2021.



cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se tornou possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. (CERTEAU, 2014, p.93).

Essas estratégias balizam a vida social e até mesmo nossas subjetividades de formas que, por vezes, nos tornamos míopes sobre sua presença e as consequências que exercem em nossas vidas. Mesmo com todos esses cerceamentos, os seres humanos são criativos e inventam meios de driblar essas amarras sociais. A essa capacidade criadora, Certeau denomina astúcia. A “arte do fraco”, uma

ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar se não o do outro” (2014, p.94).

Ao olhar para essa astúcia no âmbito educacional, especificamente pela via discente, seja na educação básica ou pós-graduação, ao menos uma característica se mantém em evidência, a *trampolinagem* astuta, apresentada por Certeau como a “trapaçaria, astúcia, mil maneiras de jogar ou desfazer o jogo do outro. Driblar os termos dos contratos sociais” (CERTEAU, 2014, p.79).

Enquanto discente da educação básica, do ensino superior, de pós-graduação e como docente na educação básica ficou evidente de, como em geral, os estudantes sempre têm pouco. Poucos momentos “livres”, poucos jogos, pouca liberdade. Mas isso significa que eles não brincam? Não arranjam formas de se desvencilhar do controle e reorganizar tempos e espaços para fruir da cultura? Nos parece que esse descontrole da estratégia para com a tática na escola, além de possível, é cotidiano. Uma reorganização discente frente aquilo que lhes é imposto pelas normas que faz da escola cenário de inúmeras práticas que não estão no âmbito formal das aulas e mesmo assim acontecem. Materializando práticas que “Na ordem organizada pelo poder do saber sempre [mostram ser] possível práticas desviacionistas (golpes, trampolinagens, jogos, contos)” (*Idem*, p.90).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A reflexão aqui tecida procurou atuar no sentido de repensar vivências cotidianas que se efetivam na escola. Para os estudantes talvez essas vivências não sejam lidas apenas na condição de trabalho e obrigação, mas também podem ser vivenciadas como formas subversivas e resistentes de lazer. Ao olhar pela perspectiva discente somos convidados a perceber o ângulo das táticas, dos usos cotidianos, no qual as brechas existentes ou, até mesmo cunhadas, integram um espaço pelo qual se pode “inventar o possível, ocupar um espaço de movimentação onde possa surgir uma liberdade” (CERTEAU, 2014, p.14).

Essa insubordinação, nesse caso, surge como um desvio, que, conformado com o espaço que a estratégia ocupa, a contorna, procurando seus interstícios, geralmente os encontrando e fazendo-nos repensar se realmente aula é aula, e lazer é lazer, trazendo a complexidade da cultura para o olhar sobre as realidades.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Vozes, 22.ed. Petrópolis, RJ. 2014.

DUMAZEDIER, J. Questionamento Teórico do Lazer. CELARIPUCRS, 1975

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.